

Revista Brasileira de Comércio Exterior

RBCE

Ano XXXIX

162

Janeiro,
Fevereiro e
Março de
2025

A revista da FUNCEX

As transformações globais e o comércio exterior

Mercados: Espanha, Uruguai e China
Seguro de Crédito à Exportação
Câmbio e Pagamentos Internacionais

Imagem de Pete Linforth por Pixabay



FUNCEX



fundação
centro de estudos
do comércio
exterior

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

EDITORIAL

- 2 Transformações no ambiente de negócios internacionais
Mário Cordeiro de Carvalho Jr.
-

ENTREVISTA

- 4 **Mário Moreira**
Presidente da Fiocruz
-

COMENTÁRIO INTERNACIONAL

- 8 **O mundo dá voltas**
George Vidor
-

GEPOLÍTICA

- 10 **As transformações globais e o comércio exterior**
Rubens Antônio Barbosa
- 18 **Relações econômicas Brasil e Espanha: breve diagnóstico e perspectivas futuras**
Embaixador Orlando Leite Ribeiro
-

CHINA

- 24 **Do WeChat ao DeepSeek: um olhar crítico sobre a tecnologia chinesa para brasileiros**
Thais Moretz
-

URUGUAI

- 30 **Por que ir tão longe?**
João Carlos V. de Marco
-

SEGURO DE CRÉDITO À EXPORTAÇÃO

- 36 **Apoio oficial à exportação e as Agências de Crédito: uma nova esperança para o Brasil!**
Sergio Margutti
- 41 **ABGF: Eficiência no apoio às exportações brasileiras**
Maíra Madrid
-

CÂMBIO E MEIOS DE PAGAMENTO INTERNACIONAIS

- 44 **Estimação da taxa de câmbio real de equilíbrio “ótima” para o desenvolvimento brasileiro: uma atualização**
Andre Nassif, Carmem Feijó e Eliane Araújo
- 56 **Operações de *hedge* em Renminbi: oportunidades e desafios**
Luiz Fernando da Silva e Hsia Hua Sheng
- 60 **Uma nota sobre o International Banking Facility**
Roberto Medeiros Paula
-

TRANSAÇÃO TRIBUTÁRIA

- 62 **Transação tributária – Redução dos débitos com utilização de prejuízo fiscal e base negativa da CSLL**
Luis Carlos Szymonowicz e Ricardo José Piccin Bertelli
-

PRÁTICA DE COMEX

- 66 **Implantação do Portal Único em uma *trading company* no Porto de Santos**
Natália Grava, Sérgio Figueira, Kleber Nascimento e José Rodrigues
-

O mundo dá voltas



George Vidor



George Vidor
é economista e jornalista

O liberalismo econômico parecia ter triunfado sobre todos os demais sistemas. A guerra fria se dissipara a ponto de potências nucleares como a Rússia terem concordado em reduzir seus arsenais, permitindo até que o antigo inimigo (Estados Unidos) pudesse atuar diretamente na desmontagem de armamentos. Mesmo em âmbitos regionais, as uniões aduaneiras e áreas de livre comércio se espalharam pelo planeta. Movimentos de capitais se globalizaram. Uma moeda única, o euro, passaria a rivalizar com o dólar americano. Investidores estratégicos se tornaram presentes em todos os tipos de empreendimentos, mesmo aqueles voltados à infraestrutura, de longa maturação. Houve até quem chegasse a prever “o fim da história”, no sentido de desaparecimento de conflitos de toda ordem. Um planeta movido pela livre concorrência, porém colaborativo, quase em um jogo de ganha-ganha.

Mas, primeiro surgiram no cenário os chamados tigres asiáticos, com agressiva participação na tração de investimentos e no comércio internacional. E na própria Ásia um gigante despertou, a China, que se apagara por várias décadas. Despertando com um complicador: abertura na economia sem igual correspondência em seu modelo político, centralizado nas mãos de um mesmo grupo liderado pelo partido comunista. O tufão asiático faz despertar outro gigante no enorme continente, a Índia.

Ao meio dessa reviravolta, mudanças climáticas se aceleraram e adicionaram um fator de insegurança considerável nos horizontes dos processos produtivos.

A paz mundial se mostrou ilusória. Conflitos regionais continuaram, muitos dos quais tendo como pano de fundo o fundamentalismo religioso. Como se isso não bastasse, dentro do território europeu volta a ocorrer a invasão de um país por outro. Na era soviética isso já acontecera, mas não com a característica de mudança de fronteiras – que vinham sendo respeitadas desde o fim da II Guerra Mundial. Rússia e Ucrânia travam uma disputa territorial que dificilmente resultará em paz duradoura entre as duas maiores nações da Europa.

A hegemonia americana, quase incontestável por décadas, foi abalada. E a reação da sociedade americana foi eleger um presidente disposto, não apenas no discurso, mas em atitudes concretas, a reafirmar essa hegemonia. Donald Trump declara a intenção de reanexar o canal do Panamá, ocupar a Groenlândia e transformar o Canadá em mais um estado americano. Ou seja, declara em alto e bom som que pode desprezar a soberania de outros países, todos reconhecidos como aliados históricos dos Estados Unidos.



A economia chinesa hoje é a que mais rivaliza com a americana. No entanto, as medidas mais protecionistas e de retaliação comerciais dos Estados Unidos, atingem principalmente, por enquanto, seus dois vizinhos (Canadá e México), e antigos aliados, como o Brasil e nações da Europa Ocidental. Simultaneamente, o tom de ameaça permanente do governo Trump parece obter resultados no conflito do Oriente Médio, entre Israel e palestinos, e na guerra fratricida entre Rússia e Ucrânia.

O mundo está mesmo em uma fase de virar de cabeça para baixo. Quem ganhará ou perderá com isso? Novas alianças se formarão? O liberalismo econômico retrocederá cedendo espaço para um protecionismo prejudicial ao comércio internacional? O nacionalismo capitaneado por movimentos de extrema direita tende a ser a tônica marcante no quadro político de diferentes países, em todos os continentes?

O Brasil, infelizmente, pouco pode contribuir na solução desses problemas. Nosso peso político e econômico, além da situação geográfica, nos deixam de fora desses eixos mais conturbados. Em outros tempos, isso poderia ser um trunfo diplomático, mas agora quem não está no tabuleiro de xadrez não vem tendo voz.

Tal quadro não é motivo para o Brasil ficar de braços cruzados e esperar para ver o que vai acontecer. Qualquer que seja o cenário futuro, o Brasil precisa continuar

trabalhando internamente para tornar a economia mais competitiva. Precisamos melhorar a infraestrutura, promover reformas em prol do equilíbrio fiscal e aproveitar as janelas que se abrem. Os problemas brasileiros são mais de caráter doméstico. Não decorrem do que acontece lá fora. O mundo dá voltas. E numa delas pode chegar a nossa hora e nossa vez (parafraseando João Guimarães Rosa em seu Sagarana).

“

Os problemas brasileiros são mais de caráter doméstico. Não decorrem do que acontece lá fora. O mundo dá voltas. E numa delas pode chegar a nossa hora e nossa vez

”